ISIS ROST

O DECLÍNIO DA NARRATIVA

Livrinho também é livro

Coordenação
Isis Rost e Celso Borges

Diagramação e capa: Isis Rost

Disponível para download gratuito
Editorapassagens@blogspot.com

O Declínio da Narrativa

R839o

O declínio da narrativa./ Isis Rost.- São Luis: Passagens, 2020. (Coleção
Livrinho também é livro)

42 p.; il. 12x18 cm

ISBN 978-65-00-02716-7

1. Narrativa; 2. Walter Benjamin.

CDD 193
CDU 82-2

Isis Rost

-
- 07 A vivência do choque
- 15 Ausência da experiência
- 21 Tempo vazio
- 26 Informação: Morte ou Redenção ?

A Vivência do Choque

A arte de narrar está em extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.

Walter Benjamin

Um aspecto peculiar na leitura de Benjamin diz respeito ao fato dele não estudar literatura por literatura. “Benjamin não estuda Baudelaire por Baudelaire”, diz Wille Bolle. Baudelaire é um meio refinado para Benjamin perceber o retrato da Metrópole. Como dar conta de tudo o que a Metrópole produz em nós, sensações sublinhadas por Walter Benjamin como *Vivência do Choque*? O presente ensaio focaliza *O Narrador, Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*, estudo feito por Walter Benjamin, publicado pela primeira vez em 1936, pouco antes da eclosão da II Guerra Mundial, auge do período entre guerras. Menos que um comentário, são reflexões, insights e notas, constituindo um mosaico buscando escutar a voz iluminada, ambígua e enigmática de Benjamin, sua abordagem sobre o enfraquecimento da memória coletiva na modernidade e a passagem desta para os meios de comunicação.

Sergio Paulo Rouanet afirma

na esfera da vida cotidiana, o choque se impôs como a realidade onipresente. (...) a experiência do choque acaba produzindo um novo tipo de percepção, voltada para o idêntico, uma nova sensibilidade, um novo aparelho sensorial, por assim dizer, concentrado na interceptação do choque em sua neutralização, em sua elaboração, em contraste com a sensibilidade.

Rouanet, 1990, p. 46

De acordo com Rouanet, o mundo moderno se caracteriza para Benjamin pela intensificação das situações de choque, em todos os domínios, seja na esfera econômica, onde o homem é levado a seguir o ritmo alucinante das máquinas, seja na esfera política, cuja forma de atuação é o golpe de estado (como ficou exposto no livro *18 Brumário de Luís Bonaparte*, de Karl Marx). Através da arte e da literatura, esta impregnação da economia, da política e da vida cotidiana pela experiência do choque se impõe. Conforme Rouanet, esta estética do choque alcança o ápice na Era do Cinema: “a percepção, baseada no choque, se transforma no princípio formal do cinema.” (Rouanet, 1990, p. 47)

Walter Benjamin leu de maneira incansável a Charles Baudelaire, chegando a ser considerado como seu alter-ego. Os textos baudelairianos podem ser lidos como uma inspiração para seu trabalho. Nos escritos de Baudelaire, Benjamin encontra pela primeira vez a palavra “*Modernité*”, fundamental no conjunto de sua obra. Benjamin escreve no *exposé* de 1939

“O século XIX não soube corresponder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social. Assim se impuseram as mediações falaciosas entre o velho e o novo, que eram o termo de suas fantasmagorias. O mundo dominado por estas fantasmagorias é – com uma palavra-chave encontrada por Baudelaire – a modernidade.”

O poeta estaria exposto à realidade do choque, mas através do *Spleen*, consegue refletir sobre ela, percebendo os rumos do empobrecimento da experiência e o consequente esvaziamento da memória e a reificação da vida cotidiana. Por outro lado, o homem mediano não tem energias livres para a reflexão, pois está imerso na interceptação do choque. Sem experiência, sem passado e sem memória, se deixa arrastar pelas massas, observando os perigos imediatos, mas totalmente inconsciente

das ameaças mais profundas, reagindo apenas com comportamentos reflexos que privilegiam a vivência e atrofia a experiência. Baudelaire responde a esta atrofia através do *Spleen*, forma bastante específica de *taedium vitae*: “O que eu sinto é um imenso desânimo, uma sensação de isolamento insuportável, o medo permanente de uma vaga infelicidade, uma total falta de confiança nas minhas forças, uma absoluta ausência de desejo, uma incapacidade de encontrar qualquer divertimento que seja.” (Baudelaire, em carta à mãe, Madame Aupick. 30 de dezembro de 1859.)

Spleen é uma palavra oriunda do grego *Splen*, traduzido como baço. Esta relação entre *spleen* (baço) e melancolia tem início na medicina grega antiga e a teoria dos humores, de Galeno. Em alemão, *Spleen* é alguém constantemente irritado. Em francês, associado a Baudelaire, passou a significar um estado de tristeza profunda, melancolia. Baudelaire evoca o *Spleen* como um sentimento de desânimo profundo, um isolamento angustiante refletido num tédio existencial infundável. Admitindo a experiência como algo irre recuperável, em vez de tentar recriá-la de maneira artificial, o poeta transforma esta perda na própria matéria, usando o *Spleen* para confrontar a extinção da experiência e a dissolução do passado. *Les fleurs du mal*, de 1857, é todo embalado neste sentimento, como podemos perceber no poema a seguir:

Spleen LXXVIII

*Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle
Sur l'esprit gémissant en proie aux longs ennuis,
Et que de l'horizon embrassant tout le cercle
Il nous verse un jour noir plus triste que les nuits ;*

*Quand la terre est changée en un cachot humide,
Où l'Espérance, comme une chauve-souris,
S'en va battant les murs de son aile timide
Et se cognant la tête à des plafonds pourris ;*

*Quand la pluie étalant ses immenses traînées
D'une vaste prison imite les barreaux,
Et qu'un peuple muet d'infâmes araignées
Vient tendre ses filets au fond de nos cerveaux,*

*Des cloches tout à coup sautent avec furie
Et lancent vers le ciel un affreux hurlement,
Ainsi que des esprits errants et sans patrie
Qui se mettent à geindre opiniâtement.
- Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,
Défilent lentement dans mon âme ; l'Espoir,
Vaincu, pleure, et l'Angoisse atroce, despotique,
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.*

Spleen LXXVIII

*Quando o céu baixo e nublado pesa como uma tampa,
Com o espírito gemendo nas garras de longos problemas,
E o horizonte abraçando todo o círculo
nos derrama um dia escuro mais triste que as noites;*

*Quando a terra é transformada em uma masmorra úmida,
Onde a esperança, como um morcego,
Vai embora batendo nas paredes sua asa tímida
e esbarrando a cabeça nos tetos podres;*

*Quando a chuva, espalhando as suas trilhas
de uma vasta prisão imita os bares,
e um povo burro aranhas infames
estiquem as redes profundamente em nossos cérebros.*

*Os sinos tocam de repente com fúria,
e lançam para o céu um rugido terrível,
assim como espíritos errantes sem pátria
que começam a gemer obstinadamente.
-E carros funerários longos, sem bateria ou música,
Percorrem lentamente minha alma; Esperança,
Vencido, chorando e a Angústia agonizante, despótica,
no meu crânio inclinado planta sua bandeira negra.*

Tradução literal.

Spleen LXXVIII

Quando o céu plúmbeo e baixo pesa como tampa
Sobre o espírito exposto aos tédios e aos açoites,
E, unindo toda a curva do horizonte, estampa
Um dia mais escuro e triste do que as noites;

Quando a terra se torna em calabouço horrendo,
Onde a Esperança, qual morcego espavorido,
As asas tímidas nos muros vai batendo
E a cabeça roçando o teto apodrecido;

Os sinos dobram, de repente, furibundos
E lançam contra o céu um uivo horripilante,
Como os espíritos sem pátria e vagabundos
Que se põem a gemer com vez recalcitrante.

- Sem música ou tambor, desfila lentamente
Em minha alma uma esguia e fúnebre carreta;
Chora a Esperança, e a Angústia, atroz e prepotente,
Enterra-me no crânio uma bandeira preta.

Tradução Ivan Junqueira - 1985

Ausência da Experiência

Pobresa de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência.

Walter Benjamin

No texto *Experiência e pobreza*, escrito por Walter Benjamin em 1933, o autor é categórico ao afirmar que estamos despidos de todo o patrimônio humano, pauperizados pelas engrenagens que movem a Modernidade. Este tempo, privado de experiências, é oposto ao tempo da Pólis Grega, que significava a participação coletiva, e da Idade Média, relacionado à santidade, esperança e redenção. Na Modernidade, existe a contração do tempo e sua intensificação. Vivenciamos um tempo privado da experiência, onde a sensação de “falta de tempo” “Não haver tempo” é contínua, chegando a ser patológica.

Esta aceleração no tempo coincide com o início da vida nas grandes metrópoles, provocando a efemeridade do tempo. Para Benjamin, existe uma relação entre a noção da Modernidade e a memória. Na modernidade, o campo da memória é bastante frágil, e por causa disto, está sempre

em crise, num anseio frente às incertezas do futuro e do passado. Através disto, surgem as práticas da memória mercantilizada, simulacros, espetáculos e experiências esvaziadas de pertencimento, sem um significado real no presente. Concomitantemente, hoje existe uma tendência

para o excesso de valorização das informações, com relação às experiências de vida. Benjamin observa a memória como um conhecimento atravessado por uma dimensão hiperampliada do indivíduo.

O tema da experiência está presente e é fundamental desde os primeiros escritos de Benjamin. Kátia Muricy afirma que este conceito vai sendo modificado pelo autor, ganhando cada vez mais relevância nos ensaios, onde elabora a mais perspicaz análise da Modernidade

Se o tema da experiência está presente e é de capital importante desde os primeiros escritos de Benjamin, o conceito de experiência é profundamente modificado e ganha uma importância decisiva nos ensaios mais recentes, em que Benjamin elabora a sua análise crítica da modernidade.

Muricy, 1998, 182.

A ruptura com a tradição e o acolhimento da pobreza da atualidade é uma rara percepção desta lenta perda. O ensaio *O Narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Lessov*, destina parágrafos inteiros ao declínio de um gênero literário: a narrativa.

Escrito sob encomenda, este ensaio desvela-nos o escritor russo Nicolai Leskov, mas, para além, Benjamin traça um panorama teórico que ultrapassa os limites da encomenda. Inicialmente, Benjamin escreve em alemão, com um título que traduziríamos como “O Contador”.

Algum tempo depois, decide fazer uma tradução para o francês, e é então que o nome “O Narrador” surge. Escrito nos anos prévios da 2ª Guerra Mundial, no auge do período entre-guerras, nos coloca uma questão central: a experiência articulada à linguagem, estando

relacionada à memória individual e coletiva, ao inconsciente e à tradição. (...) Nas sociedades modernas, o declínio da experiência corresponde a uma intensificação da vivência. A experiência se torna definitivamente problemática e a sua possibilidade depende de uma construção vinculada à escrita.

Muricy, 1998, 184.

Benjamin recorta a reflexão sobre a linguagem num sentido mais amplo em torno da escrita, acarretando numa nova formulação conceitual da experiência. O ensaio “*Experiência e pobreza*”, demarca esta transformação, apontando uma transformação estrutural das experiências, que eram relacionadas à memória individual e coletiva, ao inconsciente e à tradição. A vivência relaciona-se à existência privada, à solidão, e à percepção consciente.

Tempo Vazio

A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.

Walter Benjamin

Nas sociedades tradicionais, o passado, a memória individual e a coletiva se misturam, num sistema de comunicação baseado na narrativa oral. É o narrador que repassa as histórias contadas pelos antepassados, baseadas na tradição, e a “matéria da narração e sua condição de possibilidade é a experiência”, tanto a do próprio narrador, como de terceiros. A narrativa é uma arte originária do camponês, sedentário da terra, que carrega e transmite a sabedoria de outros tempos antepassados, e do navegador, aventureiro que traz consigo a sabedoria de terras distantes.

A experiência está relacionada a atravessar uma região durante uma viagem por locais desconhecidos, e todas as sensações, memórias e aprendizados que este evento possa gerar. Estas histórias eram narradas coletivamente (necessitando de interpretação), por alguém com experiência de tempo, o Narrador.

A autoridade do Narrador alcança o ápice no momento da morte: as últimas palavras. “Essa transformação é a mesma que reduziu a comunicabilidade da experiência à medida que a arte de narrar se extinguiu.” Benjamin afirma que a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. Sua autoridade deriva da morte. No inverso da tradição, a morte é a matriz para o eterno (1994, 207). A comunicabilidade da experiência no instante da morte faz com que este momento seja decisivo para aflorar a sabedoria acumulada a ser transmitida “Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é essa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.” (Benjamin, 1994, 207).

Hoje, a ideia de tradição se relaciona a algo ultrapassado. Na Modernidade, o modelo de Progresso não tolera o passado, e sua associação ao atraso. Benjamin nota que não estamos mais ligados ao passado pela tradição. Com o advento da Modernidade e o desenvolvimento secular das “forças produtivas” do sistema capitalista, a morte é destronada de sua exemplaridade.

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a idéia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo (...) permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar: recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do mundo dos vivos. Benjamin, 1994, 207

Daí o silêncio dos combatentes das trincheiras da 1ª Guerra Mundial, como um sinal crucial de definhamento da experiência pela incapacidade dos homens de narrar o que haviam

passado, tamanho o horror mortífero presenciado por suas retinas: “no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável.” (Benjamin, 1994: 198). Os combatentes retornavam calados do front, sem palavras para comunicar o que experimentaram. O Narrador deixa de existir neste instante, e a capacidade para ouvir se extingue. Inclusive a ideia de eternidade, incrustada na alma do Narrador, é perdida.

A expressão literária desta perda da experiência é o Romance, cujo aparecimento (*Don Quijote de la Mancha*, obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes, de 1605) marca o declínio da narrativa. Totalmente desvinculado da tradição oral, ligado ao caráter transmissível da experiência, o Romance depende essencialmente do livro. De acordo com Benjamin, o lugar de nascimento do Romance é o “indivíduo isolado”, endereçado à solidão do leitor, que solitário vai ler. Hoje, simplesmente preenchemos o tempo, que precisa ser esquecido, um tempo totalmente vazio de significações. Este tempo vazio é imposto a nós, provocando uma crise da imaginação: as pessoas sequer conseguem descobrir o que fazer no tempo livre. Benjamin aponta que, para Luká-

cs, o Romance “é a única forma que inclui o tempo entre os seus princípios constitutivos.” (Benjamin, 1994: 212). Enquanto a narrativa carrega uma “moral da história”, o Romance se movimenta em torno do sentido da vida. Quem escuta uma história está em companhia do Narrador, pois existe uma “relação ingênua” entre ouvinte e Narrador, responsável em preservar a narrativa. O leitor de um Romance, porém, é solitário. É o individualismo moderno exemplar: um Escritor, um Herói e um Leitor. Quando se escuta uma história, a pergunta: o que aconteceu depois? é plenamente justificada, mas o Romance não permite dar um único passo além do limite oferecido na última página. O Romance é a forma de comunicação típica do mundo moderno (Rouanet, 1990, p. 50). Igualmente, a narração se opõe à informação: moderna degradação da experiência.

Informação:

Morte ou Redenção?

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por este declínio.

Walter Benjamin

Enquanto na narrativa a distância temporal é fundamental, na Era da Informação é necessária uma aproximação espacial e temporal. A perda da experiência comunicável provoca a separação entre os interesses da vida coletiva e individual do homem. Com a presente contração temporal, a experiência está abolida. O que antes era transmitido através de gerações, narrativas que constituíam o modelo exemplar, valores e ensinamentos para a posteridade já não fazem mais sentido. Esta aceleração do tempo em que vivemos se dá de tal forma que hoje alcançamos o advento de um tempo absurdamente vazio. Aquilo que antes explicava o mundo ao homem, ou seja, a experiência, hoje é totalmente substituída pelo choque.

A perda do sentido da experiência acaba levando a um empobrecimento dos valores e à banalização do mal, como espetáculo. O

professor Norbert W. Bolz nos traz uma iluminação acerca do assunto, tecendo um excelente comentário sobre a transformação de tudo aquilo passível de proporcionar alguma experiência, reduzido a sequência de choques:

A minha tese é que, para Benjamin, desde a Primeira Guerra Mundial, os meios de comunicação de massa ocuparam o lugar da experiência e da memória. Memória e experiência foram destruídas, destruídas traumáticamente pelos choques da Primeira Guerra Mundial, e o seu lugar é ocupado pelos meios de comunicação em massa. E o que acontece agora, após a Primeira Guerra Mundial, não mais jaz nas profundezas da memória (não há mais nenhum Proust a ajudar-nos), mas na superfície dos equívocos iconográficos. Por isso, a Guerra Mundial é, para Benjamin, o anti-épico por

excelência. Nada pode ser relatado a seu respeito, porque o que a Guerra Mundial conseguiu foi transformar a vida toda em sequência de choques. Portanto, a Guerra Mundial faz com os homens exatamente aquilo que o cinema faz com o mundo: transforma aquilo que é passível de experiência, de vivência, em sequência de choques. (...) A experiência fundamental de Benjamin é a de que não são mais os homens que a ela se opõem os que são capazes de lidar com a Guerra Mundial, mas apenas as máquinas que a registram.

Bolz, 1992, p. 98

Depois da 1ª Guerra Mundial, tudo o que restou da existência foi uma sequência de choques, cada vez mais elaborados. Hoje, arquivos virtuais e dispositivos digitais substituem a memória. Benjamin nota que o tempo já foi usurpado de nós. As experiências estão se tornando incomunicáveis, e em consequência disto, hoje somos incapazes de dar conselhos a nós mesmos, muito menos aos outros. A informação, totalmente opositora da narração, desloca a memória coletiva para as máquinas e os meios de comunicação de massa. Esta atrofia é um sintoma específico da vida moderna, caracterizada por uma degradação da memória, que não está mais no indivíduo, mas fora dele.

Nunca se pode armazenar tanto, mas através das máquinas, pois a memória se encontra no HD externo, ou na nuvem... Está irrecuperavelmente perdido o tempo que teríamos para vivermos todas as experiências para as quais eventualmente o destino nos dispusesse. Este bombardeio de estímulos faz com que o homem moderno deixe de cultivar o tempo. Ele exclui a morte, perde o tempo e em consequência perde a memória. Benjamin afirma que a matéria da história é a narrativa do que aconteceu. O sentido da narrativa se moveu, não existe mais, pois hoje estamos vivendo uma nova relação entre o presente e o passado, cujo definhamento alcança o ápice.

A atitude de Benjamin diante desta nova realidade é ambígua: se para Adorno, ela significou o suspirar da individualidade e da autonomia, e o êxito da reificação do Iluminismo, para Benjamin, toda esta destruição pode carregar nas entranhas a esperança de uma perspectiva de liberdade. São vislumbradas “as duas faces da barbárie”, e *Angelus Novus*, o anjo da modernidade, observa o fim da experiência e os seus destroços como o início de uma nova barbárie. Mas esta barbárie não significa necessariamente algo negativo. Esta dialética encontra na degradação da experiência, na destruição da cultura e da tradição, tanto uma dimensão desumanizante quanto libertadora. Em *Experiência e pobreza*, vemos Benjamin anunciar uma ruptura radical com o passado, saudando com uma euforia iconoclasta a “nova barbárie”. Esta “estirpe de construtores” é a responsável por criar espaços e desobstruir caminhos.

A 2ª década do século XX assiste estupefata e impotente à queima geral da tradição. Sua liquidação derradeira – a Guerra Mundial – deixa como herança uma extrema pobreza de experiências comunicáveis, resultado do aniquilamento total de experiências acumuladas por gerações. Em 1914-1918 morreu e foi enterrada nas trincheiras a já declinante capacidade comunicativa da expe-

riência. Os que retornam “silenciosos das trincheiras, incapazes de narrar a horrível experiência, são os homens da modernidade.” (Muricy, 1998: 185). Despimo-nos do homem tradicional, solene, para nos embalar o “contemporâneo nu, deitado como um recém-nascido nas fraldas sujas de sua época”. Esta pobreza assumida é a barbárie saudada por Benjamin. Estar desprovido deste passado acarreta uma ambiguidade:

*1º Constatamos a pobreza do presente,
2º mas principalmente, a urgência em tencionar a construção do novo.*

A “Nova Barbárie” é anunciada por Bertold Brecht no teatro, como também pela arquitetura de Adolf Loos e Le Corbusier. Na arte cubista e, exemplarmente, na pintura de Paul Klee (Muricy, 1998: 186). A barbárie positiva, presente em “Experiência e Pobreza” continuará sendo a aposta de Benjamin contra a barbárie da cultura burguesa. O Narrador carrega a noção de que esta perda não é um evento inesperado, abrupto, mas um lento processo responsável pela construção e consolidação da sociedade industrial moderna. Este processo significa o “divórcio entre os interesses interiores do homem e os de sua vida coletiva”

(MURICY, 2004, 202) e o indício de uma tradição moribunda. Diante da noção que a capacidade de narrar é uma construção histórica que se transforma concomitante as modificações da percepção, Benjamin traça um diagnóstico que constata uma mudança profunda na estrutura da experiência, logo, no âmago da memória universal.

Je viens de lire votre admirable étude
sur Arétin et je professe 7 ans
journaux à Florence pour venir
vous, l'auteur de la compagnie pour
le grand plaisir. Ch. Baudelaire

Je viens de lire votre admirable étude
sur Arétin et je professe 7 ans
journaux à Florence pour venir
vous, l'auteur de la compagnie pour
le grand plaisir. Ch. Baudelaire

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* / Walter Benjamin; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin - 7ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLZ, N. (1992). *Onde encontrar a diferença entre uma obra de arte e uma mercadoria?*. Revista USP, (15), 90-101.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MURICY, Kátia. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

ROUANET, Sergio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter e Theodor Adorno*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Imagens

Reading devotions to grandfather

Albert Anker - 1893

Capa

Rainy Day

Gustave Caille Botte - 1877

2-3

Pont au Change

Charles Meryon french - 1854

4-5

Rue Saint Lazaré

Camille Pissarro - 1893

06

Fotografias de Charles Baudelaire

11-12

Adorazione dei Pastori

Franciabigio - Séc. XVI

14

Retrato do escritor N. S. Leskov

Serov V. - 1894

16

18 *The Story teller*
Salomon Van Abbé - s/d

20 *Chiostro dello scalzo*
Andrea Dell Sarto - 1515

22 *The death os Sócrates*
Jacques-Louis David - 1777-1787

25 *The reader*
Alfred Stevens - 1860

26-27 *Le Boulevard de Montmartre*
Camille Pissarro - 1857

28 *Fotografia de Walter Benjamin*
Biblioteca Nacional de Paris - 1937

Parisian Boulevard 29
Jean Beraud - 1912

Angelus Novus 33
Paul Klee - 1920

The Havre square and siant lazaré station 34
Camille Pissarro - 1893

The Boulevard des italiens 36
Camille Pissarro - 1892

Le Place due Théâtre Français 38-39
Camille Pissarro - 1898

Place du Havre 40-41
Camille Pissarro - 1897